

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES
28 de setembro de 2024

IS IT REALLY SO STRANGE? / 2004

Um filme de William E. Jones

Realização e Argumento: William E. Jones / *Imagem:* Jim Fetterley, William E. Jones, Cyril Kuhn, Julian Hoeber, Liz Rubin / *Montagem:* Paul Hill, Catherine Hollander, William E. Jones / *Mistura de Som:* Craig Smith / *Fotografias de Morrissey:* Jeff Burton / *Fotografias:* William Jones / *Participações:* Anita Balandra, Elijah Cortez, Joel Cortez, Dave Ehrlich, Jaysin Fail, Mark Flores, Robert Flores, Rita Gonzales, Ruben Efren Gutierrez III, Hillary Jaynes, Brigitte Jimenez, Laura Leon, Michael Leon, Manuel Lopez, José Maldonado, Juan Martín Del Campo Jr, Mary Morales, Inez Parra, Victor Placencia, Jeff Stodel Jr, Jeff Stodel Sr., Chris S., Melissa Szabo / *Cópia:* DCP, falados em inglês com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 80 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Percorrida parte substancial da obra de William E. Jones, chegamos ao documentário mais convencional da sua filmografia no que diz respeito ao seu ponto de partida e mais *broad* no interesse que possa suscitar, transcendendo o âmbito do cinema, ao invadir a cultura popular de maneira irresistível. O assunto principal aqui é Morrissey, o cantor e compositor britânico que, com Johnny Marr, moldou o som de uma das bandas mais marcantes dos anos 80 do século passado: os The Smiths. Todavia, devemos recuar um pouco face a uma afirmação tão temerária como esta, pois “o assunto principal” nem sempre coincide com o “principal assunto” nalgumas obras de Jones. Veja-se, por exemplo, como é que o próprio e a procura de uma identidade artística vão à boleia de um documentário que se propõe retratar a vida e a coleção de arte deixada pelo galerista grego Alexander Iolas, em **Fall into Ruin** (2017). Jones, qual artista pós-situacionista, dá forma a uma “arte do desvio”. Portanto, sim: Morrissey é o “principal assunto”, mas não é propriamente o “assunto principal”, porque, além do retrato da personalidade complexa do músico, o olhar de Jones desvia-se para uma algo *sui generis* comunidade de ouvintes e imitadores. E entre esse grupo de fãs acérrimos e bem originais, em que a incidência maior impende aqui sobre a comunidade hispânica sediada em LA, está um tal de William E. Jones, para quem a aura de Morrissey e a sonoridade dos The Smiths não são nada estranhas. Como notou o crítico Neil Young (não confundir com o músico) no seu blogue *Film Lounge*, “este é, enfaticamente e sem pedir desculpas, um projeto feito por um fã, sobre os fãs, com os fãs e *para* os fãs.”

A outra característica, essa “a bit strange”, diz respeito à utilização extraordinariamente parcimoniosa da música (só um tema, *This Charming Man*, e quando caem os créditos finais) ou de fotografias da banda. Além de exibir uma reportagem fotográfica sobre concertos ou clubes que prestam culto à banda, predominantemente frequentados por latinos, este é um documentário composto em larga medida por entrevistas, ao jeito de *talking heads*, repleto de um anedotário que, na pior das hipóteses, se confunde com *fandom* ou, na melhor, com um olhar sociológico ou antropológico, à guisa de Edgar Morin, sobre como se manifesta o culto à (*rock*) *star*. Quando o olhar se vira sobre si mesmo, reencontramo-nos com um dispositivo recorrente na filmografia de Jones: o foto-filme. Nele, auxiliado pelas fotografias do amigo Jeff Burton, o realizador fala em nome próprio, com a verve literária que lhe é característica, mas aqui incandescida pela excitação

“cool” vivida no momento, durante uma sessão fotográfica que presenciou e na qual teve a oportunidade de interagir com o seu ídolo. O “eles” (comunidade de fãs), afinal, traduz-se num “eu” embevecido (o fã entre fãs). Em cada filme, Jones raramente descarta – antes pelo contrário – o lugar de onde fala, pelo que, neste caso, talvez o documentário bata de frente com o filme-tributo ou, para usar terminologia mais contemporânea, com o *fan vid*. A riqueza está no texto, na vibração resultante do tal contacto com Morrissey, figura sexual e politicamente ambígua (o seu vegetarianismo elevado a ideologia reacionária, a sua estética *gay* decadente, *nouveau riche*, misturada com marcas de um ferido romantismo próprio de um macho viril: “I lost my faith in womanhood...”, canta em *Pretty Girls Make Graves*). Eis uma *star* camaleónica e contraditória como... só os grandes artistas o sabem ser. E Jones, estamos em crer, agora que percorremos todo este caminho, pretende afinar pelo mesmo diapásão.

Recorde-se a história/anedota que Jones conta em **Fall into Ruin** a propósito do seu encontro com *the one and only* Andy Warhol, em que este recorda como o aperto de mão da celebridade era o mais mole que alguma vez sentira, retirando daqui o facto de estar a cumprimentar, à época, alguém que estava mais morto do que vivo. O encontro com Morrissey é muito mais inspirado(r), com o próprio a medir meças a Oscar Wilde em matéria de espirituosismo e *nonchalance* ou, na apresentação e *looks*, fazendo a fusão perfeita entre, citando a observação de Jones, os estilos “*gangster* e de Liberace”. Entre poses, foram trocados gracejos e ainda se *flirtou* um pouco. É o retrato mais vivo de todo o compêndio venerador que é **Is It Really So Strange?**, documentário satisfatório para apreciadores de Morrissey, de Jones e da comunidade de veneradores da arte de ambos. Permaneceremos entre eles depois desta digressão? Mas como não?

Luís Mendonça